

## O Desafio Chinês Para A África

---

Magno Klein<sup>I</sup>

Resenha recebida em 11/08/2020 e aprovada em 07/12/2020.

A presença chinesa no continente africano impressiona. Ela é sentida no financiamento de grandes obras de infraestrutura, na atuação de empresas de pequeno e grande porte, na circulação de migrantes e mesmo no uso de tropas militares para controlar crises regionais. Essa presença é ainda mais evidente no âmbito econômico: quase todas as nações africanas hoje têm na China seu mais importante parceiro comercial. A presença chinesa na África é o tema do estudo da pesquisadora finlandesa Anja Lahtinen (2018). Seu livro analisa as características políticas, econômicas, sociais e culturais da atuação chinesa no continente africano por meio da análise de entrevistas e fontes primárias de diversos tipos, coletadas em suas pesquisas de campo.

Em geral, as pesquisas acadêmicas a respeito das relações sino-africanas reconhecem os benefícios da parceria para as nações africanas, mas crescentemente colocam em questão se ela é tão vantajosa para a África quanto o é para a China<sup>II</sup>. Entre os principais riscos, é normalmente citada a vulnerabilidade africana no âmbito do comércio, uma vez que as exportações em direção à China são compostas de poucos produtos primários. Além disso, a China é comumente criticada pela falta de transparência em seus acordos de cooperação, pelo apoio a regimes repressivos e pela falta de preocupação ambiental. Empresas chinesas são acusadas de concorrência predatória, de oferecer baixas condições de trabalho e mesmo de importar mão de obra ao invés de usar trabalhadores africanos.

Lahtinen (2018) reconhece que a estratégia chinesa para o continente africano é auto-interessada e movida, sobretudo, para a garantia de insumos para sua indústria (como minérios e petróleo), de mercado consumidor para suas exportações e de apoio a sua agenda multilateral (em especial em temas sensíveis como a independência do Tibete e de Taiwan). Entretanto, para a autora, a parceria também oferece benefícios. Isso é reforçado na atenção dedicada pelo livro ao tema do *soft power*. Em seus primeiros capítulos, é feita uma apresentação geral das relações sino-africanas e, nos dois capítulos finais subsequentes, analisam-se as ações de *soft power* em geral<sup>III</sup> e da diplomacia cultural em particular<sup>IV</sup>, que são o tema de maior interesse da pesquisadora. O argumento central de Lahtinen (2018) é de que o continente africano tem grande importância na estratégia de inserção global chinesa e por isso sua estratégia para a região é diversificada, atuando em múltiplas agendas e estratégias de cooperação. Desse modo, Lahtinen matiza a crítica imperialista tão comum em grande parte das pesquisas nessa agenda.

Para entender a importância do continente africano na política internacional chinesa, o livro reconstitui a trajetória histórica da parceria entre China e África. O texto remonta ao primeiro período de aproximação nos anos 50 e 60, inspirado pelas lutas de libertação colonial. Nesse sentido, a primeira embaixada chinesa no continente foi aberta no Cairo em 1954 e, no final dos anos 1970, a China já havia estabelecido relações diplomáticas com 44 dos 50 Estados africanos independentes. No final dos anos 1970, esse processo foi revertido: durante o governo de Deng Xiaoping, a China entrou numa fase de reformas econômicas pró-mercado e se aproximou dos países ocidentais.

## O DESAFIO CHINÊS PARA A ÁFRICA

MAGNO KLEIN

Porém, essa aproximação foi comprometida com a repercussão, no Ocidente, da repressão às manifestações na Praça da Paz Celestial em 1989. Foi nesse contexto que a China se voltou para a África buscando fortalecer velhas relações e iniciar novos projetos. Naquele momento, o continente africano era percebido pelo sistema internacional como local de problemas, graves violações de direitos humanos e crises constantes, e com poucas exceções estava fora do radar dos investimentos dos países centrais, cuja presença na região era focada em ajuda humanitária. O perfil da parceria sino-africana deixou então de ser marcadamente ideológico para ser dominado por interesses econômicos. Desde esse momento, a importância da China para o continente é crescente e, em 2012, o país se tornou o mais importante parceiro comercial africano.

Se as nações ocidentais impunham condicionalidades e sanções contra determinados países, a China se interessava por acordos mesmo com Estados-párias, oferecendo acordos pragmáticos e sem condicionalidades. Além da agenda comercial, o país tem contribuído para a estabilidade regional com o envio de militares para tropas de paz da ONU e também tem apoiado a institucionalização de mecanismos regionais de segurança, além de ser um parceiro relevante em projetos de cooperação para o desenvolvimento e de financiar alguns dos maiores projetos de infraestrutura do continente.

Lahtinen (2018) acredita que as ações chinesas na África estão muito mais envoltas em estratégias de *soft power* do que se costuma imaginar, e defende que se preste mais atenção às ações de diplomacia cultural do país, como o estímulo ao intercâmbio estudantil, a abertura de unidades do Instituto Confúcio e a promoção de elementos da cultura chinesa tradicional, como artes marciais e acupuntura.

A autora se detém na percepção pelos africanos desse *soft power*, concluindo que a estratégia chinesa na África carece de uma identidade cultural sedutora: seus valores e ideias não seriam tão atraentes quanto os ocidentais. Faltariam, ao *soft power* chinês, "valores universais". Segundo dados de pesquisas de opinião pública feitos pelo Instituto Afrobarometro, os africanos desconfiam da presença chinesa e sentem que os chineses não respeitam sua cultura<sup>V</sup>. É disseminado entre as populações o medo de que as empresas chinesas prejudiquem negócios locais, ameacem empregos, extraiam recursos naturais do continente e se apropriem de territórios (*land grabbing*). Todos esses receios põem em xeque o discurso oficial da atuação chinesa como qualitativamente melhor do que a Ocidental<sup>VI</sup>.

Ao colocar em questão o que atrai os países africanos na China, a grande contribuição do texto de Lahtinen é apresentar a África com poder de agência e capacidade para enfrentar os desafios dessa parceria. Desse modo, o texto se distancia do tom mais alarmista presente em outros estudos marcados pela preocupação com uma "nova partilha da África"<sup>VII</sup> ou um "neo-neo-colonialismo"<sup>VIII</sup>. Seu estudo também tem a qualidade de fugir da visão caricata, ainda que comum, de que a cooperação proposta pelo Ocidente é mais altruísta e por isso mais benéfica para a África do que se relacionar com uma China autoritária e interessada exclusivamente em benefícios pragmáticos. A aproximação junto à China amplia as opções das nações africanas e coloca um desafio considerável às práticas até então adotadas pelo Ocidente na região.

Desde 2000, essa parceria é reforçada nos encontros anuais do Fórum China-África (conhecido como FOCAC). No encontro de 2006, foi lançada a declaração "Política da China para a África", em que os países definiram como principais objetivos para a cooperação o benefício mútuo e a prosperidade compartilhada. A versão atualizada do documento de 2015 apresentava o compromisso de superar os gargalos da infraestrutura e do desenvolvimento de recursos humanos no continente. Prometiam-se

## O DESAFIO CHINÊS PARA A ÁFRICA

MAGNO KLEIN

"resultados práticos" em contraponto às exigências dos países ocidentais por democracia e adoção de políticas públicas. Em 2013, foi lançada a Iniciativa "Um Cinturão, Uma Rota", com a promessa de investimentos em portos, oleodutos, estradas e ferrovias conectando a China a 60 países da Ásia, Europa, Oceania e África. Ela é uma das ações mais ousadas da nova fase da política externa chinesa e não estão claros os impactos desses investimentos para o continente africano, em especial quanto ao risco de maior dependência em relação à economia e política chinesas.

O estudo da presença chinesa na África também evidencia as idiossincrasias das mudanças recentes da política externa chinesa. Até então o país nutria uma estratégia de desenvolvimento econômico amparada em uma política externa de baixo perfil. Durante o atual governo de Xi Jinping (2013), o país tem assumido um perfil mais incisivo na defesa de seus interesses estratégicos e dado mais ênfase a ferramentas de *hard power* na defesa de seus interesses. Além de ter ficado mais evidente o interesse em contribuir como um ator responsável no trato das principais questões internacionais. No momento em que os Estados Unidos do governo Donald Trump abandonam o acordo do clima de Paris e inviabilizam outros espaços multilaterais, a China vem se mostrando disposta a assumir o vácuo da liderança global e sua presença no continente africano pode ser um balão de ensaio para entender as novas configurações de poder no sistema internacional, com seu apoio em questões de paz e segurança, por exemplo.

A presença chinesa trouxe o continente africano para os holofotes da economia global, mas a região vem sofrendo com a crise financeira iniciada em 2008, que afetou não só os fluxos de investimento na região, mas também suas exportações, em particular para a China. Lançado em 2018, o livro de Lahtinen contribui para a reflexão a respeito desse novo momento. Até então, o crescimento econômico do continente e a grande oferta de investimentos foram em boa parte garantidos pela parceria chinesa. Agora, a nova fase reforça a necessidade de reduzir a dependência em relação à China e buscar outras fontes para o crescimento econômico.

### Notas

<sup>I</sup> Doutor em ciência política pelo IESP/UERJ e professor do curso de Relações Internacionais da UNILAB/BA. Atualmente realiza pós-doutorado no PPGCP/UNIRIO (Programa de Pós-Graduação em Ciência Política). [magnoklein@unilab.edu.br](mailto:magnoklein@unilab.edu.br)

<sup>II</sup> Por exemplo, ALDEN, 2005, 2010; ADEM, 2010; CARMODY, 2011; BRAUTIGAM, 2009; TAYLOR 2006, 2010; SHAMBAUGH, 2014.

<sup>III</sup> Capítulo 5

<sup>IV</sup> Capítulo 6

<sup>V</sup> 2018, p.47

<sup>VI</sup> p. 48

<sup>VII</sup> CARMODY, 2011.

<sup>VIII</sup> TIFFEN, 2014

### Referências

ADEM, Seifudein. The Paradox of China's Policy in Africa. **African and Asian Studies**, 9, 334–355. Leiden: Brill, 2010. <https://doi.org/10.1163/156921010X515996>

ALDEN, Chris. China in Africa. **Survival: Global Politics and Strategy**, 47(3), 147–164. <https://doi.org/10.1080/00396330500248086>. 2005

**O DESAFIO CHINÊS PARA A ÁFRICA**  
MAGNO KLEIN

---

ALDEN, Chris. China's New Engagement with Africa'. In: ROETT, Riordan; PAZ, Guadalupe (ed.). **China's Expansion into the Western Hemisphere: Implications for Latin America and the United States**. p. 213-35. Brookings Institution Press, 2010. ISBN-13:978-0-8157-7553-9

ANJA LAHTINEN, **China's Diplomacy and Economic Activities in Africa: Relations on The Move**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018. ISBN 978-3-319-69352-1.

BRAUTIGAM, Debora. **The Dragon's Gift: The Real Story of China in Africa**. Oxford: Oxford University, 2011. ISBN 978-0-19-955022-7

CARMODY, Pádraig. **The New Scramble for Africa**. Cambridge: Polity Press, 2011. ISBN 9781509507078.

OLIVER, August. A Hopeful Continente. **The Economist**. Mar 2nd 2013. Disponível em: <<https://www.economist.com/special-report/2013/03/02/a-hopeful-continent>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

SHAMBAUGH, Debora. **China Goes Global: The Partial Power**. Oxford: Oxford University, 2014. ISBN: 978-019-986-0142.

TAYLOR, Ian. China's Oil Diplomacy in Africa. **International Affairs**, 82(5), 937–959. Setembro. 2006. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2346.2006.00579.x>

TAYLOR, Ian. **The International Relations of Sub-Saharan Africa**. New York: The Continuum International Publishing Group Inc, 2010. ISBN 978-0-8264-3490-6

TIFFEN, Adam. The New Neo-Colonialism in Africa. **Global Policy Journal**, 19 de Agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.globalpolicyjournal.com/blog/19/08/2014/new-neo-colonialism-africa>>. Acesso em 16 de junho de 2020.